



CONAHCYT



# INTRODUÇÃO

## INTRODUCCIÓN

**Autora:**

Verónica Zárate Toscano,  [0000-0001-6517-1706](https://orcid.org/0000-0001-6517-1706)

**Edición disponible en:**

<https://doi.org/10.59950/IM.129>

**Citación sugerida:**

Zárate Toscano, V. (2024). *Introdução* (IM.129.04\_pt).

**Maquetación en  $\LaTeX$ :**

Mario Alberto Ramírez León

**Derechos:**

Esta obra está protegida bajo una Licencia Creative Commons Atribución-NoComercial 4.0 Internacional: <https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

# INTRODUÇÃO

Verónica Zárate Toscano

Este é o terceiro volume de entrevistas entre historiadores que ofereço aos leitores até o momento neste século.<sup>1</sup> Estou cumprindo pontualmente o compromisso que parece ter sido estabelecido de publicar uma série de conversas a cada dez anos com o objetivo de tornar conhecida a produção historiográfica de colegas historiadores de diferentes partes do mundo. O título do livro explicita a intenção de dar voz a alguns colegas que desempenharam um papel de liderança no desenvolvimento da historiografia e contribuíram para a atualização do conhecimento do passado.<sup>2</sup>

Quando pensei nesta edição, tinha duas abordagens em mente. Em primeiro lugar, não poderia perder a oportunidade de continuar o diálogo com colegas que conheço há muito tempo e com os quais frequentemente troco impressões sobre o andamento de minhas pesquisas, acompanhando de perto suas trajetórias e descobertas. Por outro lado, por vários motivos, surgiu a oportunidade de me aproximar de outros cientistas sociais de diferentes áreas geográficas, cuja visão da história, as teorias que professam, seus interesses, suas contribuições enriquecem de forma notável minha abordagem historiográfica, assim como, confio, a dos futuros leitores desta obra.

Como essa ideia de entrevistas me acompanha permanentemente, parece que ando por aí, com o gravador na mão, procurando participantes; essa ideia não está muito longe da realidade e, desde 2017, comecei a localizar meus interlocutores. Em setembro daquele ano, durante a Assembleia do Comitê Internacional de Ciências Históricas CISH, realizada em Moscou, na Rússia, tive uma longa conversa com Pim den Boer, que deu início a essa terceira etapa. No ano seguinte, aproveitei a visita de Dominique Kalifa à Cidade do México como professor visitante do Instituto de Investigaciones Dr. José María Luis Mora e conversamos em setembro de 2018.

<sup>1</sup> Em 2004, publicou *Una docena de visiones de la historia. Entrevistas con historiadores americanistas*, y en 2014 *Diálogo con historiadores. Reflexiones en torno al tiempo, el espacio y la memoria*.

<sup>2</sup> Há vários livros e algumas revistas publicadas no México que publicaram entrevistas com historiadores anglo-saxões, franceses e mexicanos. Entretanto, as entrevistas aqui contidas não estão incluídas nessas obras e, se estivessem, as perguntas e abordagens teriam intenções e respostas diferentes. Véase Olivera, Rueda y Espejel, *Historia e Historias*, 1998; Domínguez Michel, *Profetas del pasado*, 2011; Morales y Coudart, *Escrituras de la Historia*, 2016 y Mendiola, *Diálogo con historiadores*, 2017. Também estão incluídos nesse grupo aqueles realizados por Carlos Marichal en el *Boletín de Fuentes* y en *América Latina*, 1991-1992; y las de Alicia Salmerón y Elisa Speckmann en *Boletín del Instituto*, 1998-2000.

Eu tinha a intenção de continuar o trabalho durante o congresso da CISH a ser realizado de 23 a 29 de agosto de 2020 na Polônia. Mas, em março daquele ano, começamos a passar por uma crise global causada pelo vírus SARS-CoV-2. Esse coronavírus deu origem a uma amarga pandemia que afetou todo o planeta e nos confinou por muitos meses. Após o choque inicial, gradualmente percebemos que teríamos de continuar nossas atividades acadêmicas em confinamento e aprendemos novos métodos para manter -e até aumentar- a comunicação fora do confinamento. Mas, no que diz respeito à realização de grandes eventos, e de acordo com as recomendações de saúde, foi necessário adiar a reunião quinzenal por alguns anos.

O Congresso da CISH foi finalmente realizado em agosto de 2022 em Poznań, Polônia. E, como em ocasiões anteriores, foi mais uma vez um caldeirão onde foi possível reunir colegas tão diversos, tanto próximos quanto distantes, por isso não hesitei em aproveitar a oportunidade para conversar com alguns deles: Catherine Horel, Matthias Middell, Radikobo Ntsimane, Tomasz Schramm, Radhika Seshan e Sanjay Subrahmanyam. Embora Eliana Dutra, Robert Frank e Edoardo Tortarolo também tenham participado do congresso, não foi possível marcar encontros com eles naquele momento, então conduzi as conversas em fevereiro e julho de 2023, aproveitando a tecnologia que se tornou parte de nossas ferramentas cotidianas. Também me beneficiei desse meio de comunicação para obter insights de dois colegas do sul do continente, Décio Guzman e Esteban Buch, então conversei com eles em janeiro de 2023. E, por fim, aproveitei suas estadias no México para entrevistar Kapil Raj e Miguel Rodríguez, em outubro de 2022 e janeiro de 2023, respectivamente. Esses foram os limites da seleção, arbitrários, variados, circunstanciais, mas estou convencida de que reuni quinze especialistas que fizeram contribuições significativas em seus campos.

Já mencionei o CISH várias vezes, por isso considero pertinente esclarecer o motivo dessa insistência. Desde o início deste século -e mesmo antes- tenho sido um membro ativo dessa associação e me tornei presidente do Comitê Mexicano de Ciências Históricas. Isso me deu a oportunidade de participar das assembleias, reuniões do comitê de nomeação e congressos realizados em Amsterdã (Holanda), Budapeste (Hungria), Tampere (Finlândia), Jinan (China), Roma (Itália) e Poznań (Polônia). Nessas reuniões, estabeleci e fortaleci laços com muitos colegas, que me incluíram em suas redes intelectuais. Também mantive contato próximo com aqueles que, em diferentes momentos, foram membros do Bureau. No livro anterior, um terço dos entrevistados se enquadrava nessa categoria. No presente volume, a porcentagem é semelhante. Incluo Pim den Boer e Robert Frank, vice-presidente e secretário-geral do Bureau de 2010 a 2015. Catherine Horel é presidente, Eliana Dutra é vice-presidente, Edoardo Tortarolo é secretário-geral e Matthias Middell é membro consultivo do Bureau, que permanecerá no cargo até 2026. Além de liderar esse importante grupo de historiadores, cada um deles representa uma tendência historiográfica de enorme importância. Eu lhes dei voz não apenas para falar sobre o CISH, mas também sobre seu trabalho histórico em suas respectivas esferas de influência.

Para preparar as entrevistas, foi necessário sair da minha zona de conforto, ou seja, da produção historiográfica das regiões e dos temas com os quais estou familiarizada, e descobrir, não sem espanto e com grande curiosidade intelectual, os problemas históricos que cada um deles havia abordado e que, reconheço, estavam distantes das minhas linhas de pesquisa, mas que, à

medida que os conheci, tornaram-se extremamente importantes para mim. Assim, para dialogar com eles, mergulhei em leituras sobre regiões, metodologias e novos temas. E quando, em resposta às minhas perguntas, eles contaram detalhes e processos, confirmei a importância de torná-los conhecidos em esferas diferentes das deles. E, ao fazer isso, mergulhei nessa tendência que conecta histórias de diferentes pontos e as insere em uma história globalizada. Há temas que são transversais neste livro e induzi os entrevistados a darem sua opinião. Não foi à toa que pude conversar com aqueles que propuseram conceitos e métodos como histórias conectadas e globalização, como ficará evidente ao ler a extensa bibliografia que é um valioso testemunho de seu trabalho acadêmico.

A preparação das entrevistas envolveu, na medida do possível, a compilação das referências da produção historiográfica de cada uma delas. As perguntas foram planejadas com base nas leituras. Evidentemente, não se tratava de questionários fechados, mas a ordem e o conteúdo das perguntas estavam vinculados às respostas, seguindo o fio da conversa, embora também fosse possível modificar a estratégia e mudar de assunto em resposta a uma reação do entrevistado. O exercício de entrevistar implica um grande esforço de concentração para ouvir a resposta e, ao mesmo tempo, pensar em qual seria a próxima pergunta. Mas é verdade que o entrevistador é quem guia a conversa e, para cobrir o maior número possível de tópicos no tempo alocado para a conversa, às vezes a possibilidade de se aprofundar em um dos tópicos discutidos é sacrificada. Essas entrevistas não se referem a estatísticas ou tendências, como em uma pesquisa. São histórias individuais que são tornadas públicas para compartilhar pontos de vista, experiências, emoções e pensamentos. Não se trata de uma abordagem sociológica com certo distanciamento entre o questionador e o entrevistado, mas com laços de proximidade e solidariedade. O ambiente em que realizei as entrevistas evidenciou a cumplicidade e a interação com o entrevistado com quem eu já tinha um relacionamento pessoal e profissional, mas também com aqueles com quem ainda não tinha amizade. Encontrei meus interlocutores dispostos a responder a todos os tipos de perguntas, poucas delas pessoais e quase todas acadêmicas, sem esquecer as questões políticas, os centros acadêmicos e o país de origem. Não podemos ignorar o fato de que eles são historiadores que também são atores ou até mesmo vítimas das histórias que contam, especialmente quando foram afetados por regimes ditatoriais.

As perguntas foram planejadas em busca de respostas a determinadas questões que me motivaram desde o primeiro livro, com a consequente evolução. Em suma, elas buscam revelar o trabalho historiográfico dos entrevistados e as formas como abordaram os temas de seu interesse, as fontes utilizadas, o suporte teórico e as propostas teóricas e metodológicas que construíram. Também visam a revelar a maneira como compartilharam os resultados de suas pesquisas, tanto para leitores especializados quanto para o público em geral. E, por fim, pergunto-lhes sobre a intervenção que tiveram na formação de recursos humanos em diferentes níveis.

Mas as perguntas também os direcionam para áreas que são de particular interesse para mim. Nas páginas do livro, Pierre Nora e *Les Lieux de mémoire* circulam profusamente. Dois terços dos entrevistados foram deliberadamente incentivados a falar sobre ele e sua obra porque tiveram contato direto com Nora, participaram de seus seminários, lidaram com ele como editor na Gallimard ou simplesmente porque conheciam sua proposta e a utilizaram para aplicá-la em suas próprias pesquisas.

Desde que era estudante de doutorado e me deparei com a proposta de *Les Lieux de mémoire* ou lugares de memória, mergulhei na leitura não apenas dos textos que compõem os volumes originais da obra francesa, mas também das aplicações que foram feitas em outras partes do mundo, ultrapassando as fronteiras da ideia original de Nora. E, com suas variantes, eu a adotei como guia para minha própria pesquisa e relatei alguns dos resultados. Até agora, neste século, tenho acumulado material para escrever um livro sobre os lugares de memória no México e, precisamente no congresso de Poznań, organizei uma mesa redonda para submeter um avanço à consideração e à crítica de colegas de diferentes latitudes. Três dos entrevistados fizeram comentários sobre meu texto, e alguns outros fazem alusão a essa sessão nas entrevistas.

Mas, além disso, durante uma estada em Paris, em 27 de junho de 2023, tive a honra de conhecer e conversar pessoalmente com o próprio Pierre Nora e entregar a ele o ensaio mencionado acima, no qual faço um relato de como sua proposta teórico-metodológica foi além da estrutura nacional francesa na qual sua proposta está centrada. Além de receber comentários muito enriquecedores, também direcionei a conversa para o tema das entrevistas. Antes de minha visita, para preparar o terreno, eu o havia deixado um exemplar do segundo livro que publiquei. Não consegui realizar uma entrevista adequada com ele, embora eu presumisse que ele teria me concedido uma, pois não queria quebrar a cordialidade colocando-o diante de um gravador durante nosso primeiro encontro.

Ele não apenas lidou com os lugares de memória, mas também buscou a cumplicidade de alguns de seus colegas para tornar conhecido o que ele chamou de "Ego-história". Em um livro publicado em 1987, Maurice Agulhon, Pierre Chaunu, Georges Duby, Raoul Girardet, Jacques Le Goff, Michelle Perrot e René Remond procuraram se tornar historiadores de si mesmos.<sup>3</sup> Como o próprio Nora explicou na apresentação do livro, eles responderam a um pedido dele para contribuir com a elaboração do gênero Ego-história. Ele não esperava textos nascidos da objetividade, mas nos quais o trabalho que haviam feito se tornasse presente, abandonando a impessoalidade e reconhecendo o vínculo que tinham tido com seus objetos de estudo. Os textos não deveriam ser "nem autobiografia falsamente literária, nem confissões desnecessariamente íntimas, nem profissão de fé abstrata, nem uma tentativa de psicanálise selvagem" inteiramente pessoais e desinteressados. Eles deveriam simplesmente explicar a relação entre a história que eles fizeram e a história que os fez.<sup>4</sup>

Não pretendo que as entrevistas incluídas aqui sejam equiparadas a esses ensaios em Ego-histories devido à forma como foram conduzidas. Esse experimento já havia sido realizado por Jean Meyer há alguns anos no México.<sup>5</sup> Mas, no caso dos meus livros, as perguntas -gravador

---

<sup>3</sup> Nora, *Essais d'ego-histoire*, 1987.

<sup>4</sup> Nora, *Essais d'ego-histoire*, 1987, p. 7. Nora, *Une étrange obstination*, 2022, p. 217. Nora reconheceu que esse exercício havia sido imitado pelos candidatos à "habilitação", que precisavam acompanhar suas teses com um relato de sua jornada intelectual.

<sup>5</sup> Em 1993, Jean Meyer realizou um teste semelhante no México com Antonio Alatorre, Luis González, Miguel León-Portilla, Alfredo López Austin, Edmundo O'Gorman, Octavio Paz, Luis Villoro y Silvio Zavala. *Egohistórias. El amor*, 1993. Enrique Florescano e Ricardo Pérez Monfort realizaram um exercício semelhante com 28 historiadores e completaram o livro com perfis de outros 16 para fazer "um compêndio das formas de pensar e escrever a história praticadas no século XX". Florescano y Pérez Monfort, *Historiadores de México*, 1995.

na mão ou microfone aberto com zoom- e as respostas imediatas não parecem dar muito tempo para reflexão. Essa opção estava disponível para aqueles que receberam as instruções de Nora para falar sobre si mesmos em um texto de extensão limitada, tendo a possibilidade de consultar arquivos pessoais e mergulhar na própria memória. O que eles fazem é demonstrar que a história, como o próprio Nora reconhece, não é uma carreira ou uma curiosidade, mas uma razão de ser e de viver, e a necessidade de inscrever a própria existência em uma continuidade reflexiva.<sup>6</sup>

No meu caso, não dei a eles muito tempo para reflexão. Um e-mail, uma mensagem de WhatsApp, um telefonema ou uma reunião em um corredor do congresso serviram para marcar um dia, uma hora e um local próximos para uma conversa em frente a um gravador. É claro que eu explicava minhas intenções e objetivos. E quando chegou a hora, eles responderam às minhas perguntas livremente e de acordo com o que lhes ocorria no momento. Como havíamos combinado que eu lhes enviaria as versões transcritas e anotadas para aprovação, enviei os textos e eles foram aceitos quase sem oposição. Entretanto, houve alguns casos em que, ao lerem o texto, sentiram vontade de preencher as lacunas ou elaborar suas respostas. A entrevista espontânea tornou-se, por meio da intervenção dos entrevistados, mais estruturada e mais parecida com um texto de Ego-história do que com uma conversa entre amigos e colegas. Eles incluíram disquisições e linguagem muito complexas, como se fosse uma palestra magistral ou, finalmente, uma descrição detalhada e exaustiva de algum processo. Houve aqueles que não puderam deixar passar a oportunidade de incluir, em notas de pé de página, a maior parte de seus trabalhos publicados, duplicando o que eu havia incluído originalmente em minha proposta. Nesses casos, foi necessária uma verdadeira negociação para tentar chegar a um texto acadêmico, mas novo, que se aproximasse da primeira versão e no qual as imprecisões fossem corrigidas. Não é necessário dizer que as opiniões expressas nesta introdução e nas notas são minhas; por razões óbvias, as opiniões expressas pelos entrevistados são respeitadas e respeitáveis.

Escrita literalmente em primeira instância, a entrevista foi ligeiramente modificada por minha intervenção como editor para acrescentar pontuação para facilitar a leitura. Também acrescentei notas de pé de página para incluir referências aos textos mencionados na conversa ou algumas informações breves sobre personagens, lugares e eventos. Considero que as alterações introduzidas não prejudicam a autenticidade do depoimento. No entanto, a voz, a pronúncia, a entonação, os gestos e a postura corporal nem sempre estão refletidos nos textos coletados aqui. Mas eles são uma projeção do entrevistado, refletem seu estado de espírito, que muitas vezes é condicionado pelo local e pela hora em que as entrevistas foram realizadas. A agitação dos cafés e restaurantes para aproveitar um momento livre na agenda contrastava com o silêncio envolvente na sala de estar de nossa casa ou no cubículo do Instituto Mora. E muito diferente também é a atmosfera criada em uma entrevista em uma das plataformas que nos conectam com áudio e vídeo, apagando os quilômetros que nos separavam.

---

<sup>6</sup> Nora, *Une étrange obstination*, 2022, pp. 210-211.

Cada entrevista tem seu próprio tempo, que não é o tempo de leitura, mas acredito que no final cumpro o objetivo de compartilhar as vozes desses quinze expoentes da historiografia. A edição não vai contra o conteúdo, mas a pontuação transforma uma conversa em caracteres pretos em um fundo branco, ou qualquer combinação usada ao lê-los em um computador. Essas páginas refletem a singularidade da vida de cada um, mas, ao mesmo tempo, têm em comum com as demais o compartilhamento da profissão de historiador.

As entrevistas foram realizadas em diferentes idiomas, que nem sempre eram a língua materna dos entrevistados ou a minha, mas eram o meio termo que nos permitia a comunicação. Assim, pude conversar com os franceses em seu idioma nativo, mas também com um holandês e um polonês. O inglês permitiu que eu me comunicasse com um alemão, um sul-africano, dois indianos e um italiano. No caso dos brasileiros, conseguimos uma combinação que me permitiu fazer perguntas em espanhol e receber respostas em português. Outro indiano insistiu que poderíamos fazer a entrevista em espanhol e, por fim, usei minha língua materna para entrevistar um argentino e um mexicano.

A gravação de cada entrevista durou em média uma hora. Em seguida, ela foi transcrita usando dois métodos. Um deles foi o tradicional, ouvindo o que o gravador registrou e digitando o que foi capturado no assistente eletrônico. O outro aproveitou a possibilidade oferecida por um programa chamado Transkriptor, que, embora não fosse 100% preciso, foi um auxílio importante para uma primeira redação que poderia ser verificada posteriormente. Para a tradução, utilizei especialistas em alguns casos e, em outros, contei com outro programa, o DeepL, que também é eficaz e confiável. E tomei um cuidado especial para não perder muito na tradução.

A bibliografia que acompanha as entrevistas está dividida em duas partes. A primeira obedece às regras estabelecidas pelo Instituto Mora para a colocação de notas -as quais não me convencem e com as quais não concordo-, que só permitem que algumas informações sejam incluídas no pé da página e, para completá-las, é necessário recorrer a uma bibliografia no final da entrevista. Algumas das perguntas que fiz estão diretamente relacionadas a determinadas obras de autoria do entrevistado ou se referem aos temas em que ele trabalhou e sobre os quais publicou. É por isso que, nas notas, parte de sua produção aparece e as referências completas são incluídas, juntamente com todas as referências a obras mencionadas ou obras de apoio, no que é chamado de "Bibliografia dos entrevistados". No entanto, ela não abrange a maioria das publicações às quais eles dedicaram seus esforços, e por isso foram compiladas as chamadas "Bibliografias suplementares". Elas foram construídas com base nos currículos fornecidos pelos entrevistados e complementadas com pesquisas exaustivas na Internet, nos sites das instituições em que trabalham ou até mesmo em suas páginas pessoais. Também fiz consultas diretas, na medida do possível, em bibliotecas do velho e do novo mundo ou, pelo menos, verifiquei os catálogos on-line das bibliotecas listadas no final desta introdução.

Alguns horizontes mudaram para ir além do quadro limitado às vezes conferido pelo livro impresso de circulação quase exclusivamente local. Durante o confinamento da pandemia de Covid-19, instituições e editoras, mas também estudantes e profissionais, colocaram versões digitalizadas de livros on-line, já que livrarias e bibliotecas haviam fechado, colocando milhões de livros fora de circulação. Uma vez terminado o fechamento, algumas dessas páginas foram fe-

chadas, mas outras permaneceram, permitindo que um número cada vez maior de textos fosse consultado on-line. Mas, além disso, no México, o artigo 56 da Lei Geral de Humanidades, Ciência, Tecnologia e Inovação, de 8 de maio de 2023, afirma que todas as informações derivadas de atividades de pesquisa humanística serão invariavelmente de acesso aberto. Isso significa que os livros publicados em centros públicos são disponibilizados aos leitores na Internet. No caso deste livro, ele é publicado no repositório do Instituto Mora. Isso permitirá, neste caso específico, aproveitar o repositório e o formato eletrônico para compartilhar as entrevistas no idioma original em que foram feitas. Isso dará às entrevistas um alcance maior e também permitirá que os próprios entrevistados ajudem a divulgá-las para seus colegas e alunos em seus respectivos países. E, por estarem on-line no URL <https://doi.org/10.59950/IM.129>, elas poderão ser pesquisadas em qualquer lugar do mundo com acesso à Internet.

Um complemento importante para as entrevistas são as imagens que incluo de cada uma delas. Tirei essas fotos no momento e no local em que realizei as entrevistas ou em outros momentos em que estava com meus colegas. A seleção nem sempre agradou a eles no início, mas, por minhas fortes razões, eles acabaram aceitando.

O tempo passou desde a primeira entrevista que fiz para este livro até o momento em que ele chegou aos olhos do leitor. Dominique Kalifa não está mais entre nós, portanto, a entrevista publicada aqui é uma humilde homenagem e mais uma maneira de fixar sua memória e mantê-la viva.<sup>7</sup> Além disso, a situação mundial mudou, de modo que algumas das opiniões talvez fossem diferentes hoje. E, acima de tudo, sobrevivemos à tragédia da pandemia de Covid-19, que mudou a forma como vemos o mundo -e a nós mesmos- e também mudou a forma como pesquisamos, publicamos, ensinamos e nos comunicamos. Mas o que permaneceu o mesmo é o interesse, desde o primeiro livro, em ler diretamente suas ideias sobre a ampla gama de tópicos que poderiam ser atraentes e sugestivos para todos os interessados em fazer pesquisas nas disciplinas históricas. Este novo livro não se destina apenas a mexicanistas ou americanistas. O primeiro incluiu uma dúzia de estrangeiros especializados no estudo de diferentes aspectos dessas latitudes. No segundo, continuei nessa linha, mas comeci a incluir colegas que não concentravam seus estudos na América. E no terceiro, os americanistas se tornaram uma minoria em comparação com aqueles que estudam espaços distantes e até mesmo ultrapassam as fronteiras de nosso imaginário.

Seguindo a estrutura usada desde o primeiro livro, organizei as entrevistas em ordem alfabética rigorosa, em um esforço para ser democrático e neutro. Da mesma forma, seguindo as características dos outros dois livros desta série, nenhuma reflexão final foi incluída, pois acredito que caberá aos próprios leitores tirar suas conclusões a partir de sua leitura e de seus próprios interesses.

Em virtude de seu conteúdo e de suas características, acredito que cada entrevista pode ter vida própria, ou seja, cabe ao leitor decidir se quer ler o livro inteiro ou selecionar uma ou outra entrevista e lê-la isoladamente. Por esse motivo, nas notas de pé de página, você encontrará informações que se repetem em várias das entrevistas quando um determinado personagem,

---

<sup>7</sup> Sou grata à sua filha Adele por autorizar a publicação da entrevista e da foto de Dominique Kalifa.



local ou evento é mencionado. O objetivo dessa repetição é padronizar as informações e manter os dados relacionados a cada entrevista concentrados, em vez de se referir a outra nota em outro capítulo que pode estar distante no livro.

O que está claro é que, nesta terceira obra, consegui reunir diversas vozes e interesses. A prática histórica dos entrevistados os levou a se inserir, por exemplo, na história global que ultrapassa fronteiras físicas e geográficas e encontra traços culturais, econômicos e políticos compartilhados nos cantos mais distantes do mundo. O fenômeno da globalização gerou um interesse entre os cientistas sociais em realizar pesquisas transnacionais, em conectar histórias que tenham elementos em comum e, ao mesmo tempo, sejam representativas de identidades locais. E isso fica evidente nas opiniões expressas pelos participantes dessa aventura que visa ampliar o conhecimento sobre as formas de fazer história. É por isso que acredito que este livro, assim como os dois anteriores, se tornará uma ferramenta de referência essencial para que os profissionais e estudantes de história que estão se formando nessa disciplina possam se aproximar de diferentes correntes de pensamento e escolas históricas. Não tenho dúvidas de que ele também será de interesse de um público mais amplo, ávido por ler sobre a maneira como a pesquisa, o ensino e a disseminação da história são realizados fora de nossas fronteiras. Ao aprender sobre essas práticas, os membros da sociedade -dentro e fora de nosso espaço geográfico- estarão em uma posição melhor para aprender sobre o passado e o presente.

Além dos entrevistados, é claro, este livro se beneficiou do apoio e da assistência de várias pessoas. Sou profundamente grato aos leitores que leram as primeiras versões do texto com tanto cuidado e atenção. Suas sugestões e comentários tornaram este livro ainda melhor. Brenda Aguilar, Michaël Da Cruz, Nicolás Jaramillo e Berenice Ramírez Lago fizeram as transcrições e traduções de sete entrevistas em francês, inglês e português. O restante das transcrições e traduções foi feito por mim com a ajuda de aplicativos úteis. Araceli Leal Castillo, além de transcrever as gravações para o espanhol, ajudou-me com o aparato crítico e respondeu a perguntas editoriais, mesmo fora do horário laboral. Paulina Ocampo me ajudou com a bibliografia. Eduardo Flores Clair, além de ler, comentar e sugerir, compartilha minha vida e é meu cúmplice amoroso.

## BIBLIOGRAFÍA

- Domínguez Michael, Christopher, *Profetas del pasado: quince voces de la historiografía sobre México*, México, Universidad Autónoma de Nuevo León/Conaculta/Ediciones Era, 2011.
- Florescano, Enrique y Ricardo Perez Monfort (comps.), *Historiadores de México en el siglo xx*, México, Conaculta/FCE, 1995.
- Mendiola, Alfonso, *Diálogo con historiadores: François Hartog, Roger Chartier, Hayden White, François Dosse, Pierre Antoine Fabre, Hans Ulrich Gumbrecht*, México, Ediciones Navarra, 2017.
- Meyer, Jean (coord.), *Egohistorias. El amor a Clío*, México, Centro de Estudios Mexicanos y Centroamericanos, 1993.
- Morales, Luis Gerardo y Laurence Coudart, *Escrituras de la historia. Experiencias y conceptos*, México, Itaca, Universidad Autónoma del Estado de Morelos, 2016.
- Nora, Pierre (réunis et présentés par), *Essais d'ego-histoire*, Paris, Gallimard, 1987 (Bibliothèque des Histoires).
- Nora, Pierre, *Une étrange obstination*, Paris, Gallimard, 2022.
- Olivera, Alicia, Salvador Rueda y Laura Espejel, *Historia e historias. Cincuenta años de vida académica del Instituto de Investigaciones Históricas*, México, UNAM, 1998.
- Zárate Toscano, Verónica *Una docena de visiones de la historia. Entrevistas con historiadores americanistas*, México, Instituto Mora, 2004 (Historia Social y Cultural).
- Zárate Toscano, Verónica *Diálogo con historiadores. Reflexiones en torno al tiempo, el espacio y la memoria*, México, Instituto Mora/Facultad de Filosofía y Letras-UNAM/Comité Mexicano de Ciencias Históricas, 2014.

### *Bibliotecas consultadas en línea:*

- Biblioteca Daniel Cosío Villegas de El Colegio de México. <<http://biblioteca.colmex.mx/>> [Consulta: 19 de febrero de 2023.]
- Biblioteca Ernesto de la Torre Villar, Instituto Mora. <<https://www.institutomora.edu.mx/Docencia/SitePages/Biblioteca-Mora.aspx>> [Consulta: 19 de febrero de 2023.]
- Biblioteca Nacional de Brasil. <<https://antigo.bn.gov.br/explore/catalogos>> [Consulta: 19 de febrero de 2023.]
- Biblioteca Nacional de España. <<http://www.bne.es/es/Inicio/index.html/>>. [Consulta: 19 de febrero de 2023.]
- Biblioteca Nacional de México. <<https://catalogo.iib.unam.mx>> [Consulta: 19 de febrero de 2023.]
- Biblioteca Nacional Mariano Moreno de la República de Argentina. <<http://www.bn.gov.ar/>> [Consulta: 19 de febrero de 2023.]
- Biblioteca Nazionale Centrale di Firenze <<https://opac.bncf.firenze.sbn.it/>>. [Consulta: 19 de febrero de 2023.]

- Biblioteka Uniwersytecka w Poznaniu. <<https://lib.amu.edu.pl/?lang=en>> [Consulta: 19 de febrero de 2023.]
- Bibliothèque Nationale de France. <<https://www.bnf.fr/fr>> [Consulta: 19 de febrero de 2023.]
- Deutschen Nationalbibliothek. <[http://www.dnb.de/DE/Home/home\\_node.html](http://www.dnb.de/DE/Home/home_node.html)> [Consulta: 19 de febrero de 2023.]
- La Bibliothèque de Sorbonne Université. <<https://www.sorbonne-universite.fr/bu>> [Consulta: 19 de febrero de 2023.]
- Leiden University Libraries. <<https://www.library.universiteitleiden.nl/>> [Consulta: 19 de febrero de 2023.]
- Leipzig University Library. <<https://www.ub.uni-leipzig.de/en/home/>> [Consulta: 19 de febrero de 2023.]
- Library of Congress. <<http://www.loc.gov/index.html>> [Consulta: 19 de febrero de 2023.]
- National Library of India. <<https://nationallibraryopac.nvli.in>> [Consulta: 19 de febrero de 2023.]
- National Library of South Africa. <<https://www.nlsa.ac.za/>> [Consulta: 19 de febrero de 2023.]
- The British Library <<http://www.bl.uk/>> [Consulta: 19 de febrero de 2023.]
- UCLA Library. <<https://www.library.ucla.edu>> [Consulta: 19 de febrero de 2023.]